

## **Representações das Crianças sobre a Atualidade: Caminhos que se Cruzam entre a Leitura do Mundo e a Informação Noticiosa**

### **Children's Representations about Current Affairs: Ways that Cross between Reading the World and News Media**

PATRICIA SILVEIRA; SARA PEREIRA & MANUEL PINTO

*Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho*  
ana\_da\_silveira@hotmail.com / sarapereira@ics.uminho.pt / mpinto@ics.uminho.pt

#### **Resumo:**

Este trabalho pretende dar a conhecer o estado da arte e a proposta metodológica de uma investigação de doutoramento, ainda em curso, que tem como objeto de estudo debater sobre o modo como as crianças representam a atualidade. Partindo das suas vozes, perspetivando-as enquanto sujeitos de investigação, intentamos compreender que significados são construídos sobre a realidade imediata - ligada diretamente à experiência de cada criança - e a realidade global, em que os media se assumem como importantes mediadores e construtores de um ambiente simbólico. Trata-se de privilegiar uma posição ativa das crianças no seu envolvimento com os media noticiosos, partindo do pressuposto de que estes se constituem como agentes de socialização relevantes para a formação dos mais novos. Metodologicamente, optamos pela conjugação de técnicas quantitativas e qualitativas, definindo como público do estudo um grupo de crianças com idades compreendidas entre os 9 e os 10 anos.

#### **Palavras-chave:**

Crianças; notícias; participação; representações; literacia mediática

#### **Abstract:**

*This paper aims to present the state of art and the methodological proposal of a PhD research, in progress, which has as its object of study discuss how children make sense of the world. Taking into account their voices, looking at them as research subjects, we intend to understand what meanings are constructed about the immediate reality - directly linked to the experience of every child - and the global reality, in which the media are assumed as important mediators and builders of a symbolic environment. More specifically, we want to study the engagement between children and news media, considering that the last one are socialization agents with relevance for children's lives. Methodologically, we will employ quantitative and qualitative techniques, as we define as public the children from 9 to 10 years old.*

#### **Keywords:**

*Children; news; participation; representations; media literacy*

---

## **1. Introdução**

Estudos recentes demonstram que os meios de comunicação fazem parte do quotidiano das crianças desde muito cedo (Kotilainen, 2011). Porém, verifica-se que são escassas as pesquisas sobre a relação das gerações mais jovens com a atualidade. A revisão de literatura sobre o assunto mostra-nos que, nos últimos anos, devido à emergência de novos

mecanismos de comunicação digitais, as investigações tendem a debruçar-se sobre o envolvimento das crianças e jovens com as novas tecnologias, como a internet e o telemóvel (Tomé & Menezes, 2011; Endestad *et.al.*, 2011; Theunissen & Theunissen, 2008; Livingstone, 2006; Shade *et al.*, 2005), delegando para segundo plano, a relação com os meios tradicionais, como o jornal ou o livro.

Verifica-se, assim, que contrariamente à sociedade literária, caminhamos, hoje, no sentido de uma sociedade imersa numa cultura mediática e digital, marcada por um fácil acesso às mensagens media (Tomé & Menezes, 2011). Por esse motivo, as novas gerações tornam-se, também elas, mais autónomas e poderosas face aos próprios meios (Tomé & Menezes, 2011).

Advoga-se, deste modo, a necessidade de apostar na formação e domínio de novas competências, sobretudo no âmbito digital, perspetivando cidadãos e consumidores críticos e esclarecidos. Para além disso, as novas potencialidades trazidas pela era digital colocam em causa o modelo unidirecional da comunicação, o que significa que os públicos são, também, produtores, devendo aquela competência ser alargada para o âmbito de uma produção consciente e participativa, bem como para uma interação social nos meios eletrónicos.

Apesar da emergência de múltiplos canais digitais, continua a existir um número significativo de estudos sobre as crianças e a televisão (Fuenzalida, 2008, Hernández, 2008; Samaniego *et al.*, 2007). Tendencialmente, o objetivo principal tem sido perceber qual o tipo de conteúdos consumidos por estes públicos, assim como o modo como este meio pode servir de canal privilegiado para a transmissão de importantes mensagens e valores para a vida dos jovens (Galera & Pascual, 2005).

Significa isto que, apesar da penetração dos meios digitais na vida do público infantil e jovem, a televisão continua a estar integrada no seu quotidiano, constituindo-se como meio preferencial de ocupação dos tempos livres (Fuenzalida, 2008; Samaniego *et. al.*, 2007), assim como de contacto com os temas da atualidade mediática, sobretudo por parte das famílias, permitindo o acesso das crianças a estes conteúdos.

No que se refere às mensagens mediáticas, estas adquirem um lugar central na estruturação do quotidiano dos cidadãos, ao providenciarem um sistema de suporte e uma experiência partilhada, essenciais para auxiliar os indivíduos no seu quotidiano. Considera-se que os media noticiosos se assumem como estabilizadores da ordem social, adquirindo um papel semelhante ao das instituições tradicionais, como a família, a escola ou a igreja (Silverblatt, 2004). Ao mesmo tempo, são importantes configuradores de um ambiente simbólico, constituindo-se como elementos de representação da realidade envolvente. No caso das crianças, os media assumem-se como agentes de socialização com relevância para a sua

formação cognitiva e emocional, e para o modo como constroem significados perante o mundo (Galera& Pascual, 2005).

Tendo por base estas considerações, consideramos que é fundamental debater sobre o envolvimento das crianças com os media noticiosos, partindo do ponto de vista destes destinatários acerca das suas experiências mediáticas e do lugar das notícias nas suas vidas. A este respeito, na opinião de Evelyne-Bevort, diretora-delegada do *Centre de Liaison entre L'Enseignement et des Médias d'Information* (CLEMI), envolver e despertar as crianças para os assuntos da atualidade, constitui-se como um importante passo para a consciencialização e incentivo à reflexão crítica sobre os media e o seu papel na sociedade. Não se trata de ser cético ou cínico, o propósito é ter interesse e curiosidade e, ao mesmo tempo, possuir autonomia reflexiva perante aquilo que é apresentado.<sup>1</sup>

Para que estas ideias tenham consistência, é necessário que os discursos em torno do lugar da infância, na sociedade, tenham mais força e, sobretudo, que se tenha em conta a possibilidade de as crianças falarem sobre os aspetos nos quais se veem envolvidas. A este respeito, apesar de a Convenção sobre os Direitos da Criança<sup>2</sup> ser um importante marco no reconhecimento da criança como cidadão integrado e pleno de direitos, continua a existir fragilidade em torno desta legitimidade, pelo facto de “a criança apresentar simultaneamente uma imagem de sujeito ativo e estruturador do quotidiano e uma imagem como sujeito/objeto de pertença familiar e meramente dependente” (Samagaio, 2004: 11).

## **2. Crianças e notícias – tendências de pesquisa**

Este artigo pretende dar a conhecer uma das tarefas desenvolvidas no âmbito da tese de doutoramento, sendo resultado de uma pesquisa documental realizada com o objetivo de perceber o que tem sido tendência nos estudos recentes sobre o envolvimento das crianças com as notícias. Para além de uma perspetiva daquilo que tem sido investigado, detetando os principais aspetos incorporados nestes estudos e eventuais lacunas, quisemos aferir as principais conclusões e discussões despontadas nestes trabalhos.

Metodologicamente, optamos por fazer um levantamento e análise dos trabalhos publicados entre 2000 e 2011, a partir da *Communication Abstracts*, considerada uma base de dados de referência na área das Ciências da Comunicação. Através da mesma, é possível aceder aos

---

<sup>1</sup> Informação recolhida durante realização de entrevista exploratória, no âmbito dos trabalhos de tese.

<sup>2</sup> A Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC), adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1989, e ratificada por Portugal em 21 de Setembro de 1990, um conjunto de direitos, nomeadamente direitos de provisão, direitos de proteção e direitos de participação. Estes últimos “implicam a consideração de uma identidade das crianças como seres ativos, aos quais são assegurados direitos civis e políticos”(Marôpo, 2009) . Neste domínio, destacamos o artigo 12º, visto que insiste na visibilidade da criança, alterando profundamente o paradigma tradicional que assumia que as crianças deveriam ser vistas, e não ouvidas.

resumos de um conjunto de trabalhos significativos naquela área, porém, esperamos alargar o sítio da procura a outras revistas ou bases de dados (como *Google Scholar*, SCOPUS, *Web of Science*,...), num trabalho posterior. Aliás, gostaríamos de sublinhar que os resultados desta pesquisa serão complementados com procura documental contínua, que deverá ser efetuada ao longo dos trabalhos de tese, não se tratando, por esse motivo, de trabalho finalizado.

As principais palavras-chave utilizadas nesta pesquisa foram as seguintes: *news/news media*, *children/kids*, *journalism*, *perception*, *crisis/financial crisis/actual crisis*, *representation*. Com as mesmas, foram realizadas 27 combinações, em termos de presença no *resumo*, em *todo o texto*, no *título* ou em *todos os campos*.

Depois de pesquisadas, foram recolhidas e arquivadas no programa *EndNote*, 103 referências bibliográficas. Destas, 95 constituem-se como artigos científicos publicados em revistas da especialidade, 6 são livros ou capítulos de livros, existindo apenas 2 resumos de obras. No final da pesquisa, demos-nos conta de que duas das referências dizem respeito ao mesmo trabalho científico, embora possuam títulos diferentes, tendo sido publicados em locais e datas distintas.

Em termos de disponibilidade dos textos, conseguimos aceder a 71, pelo facto de os restantes terem sido publicados em revistas científicas não subscritas pela Universidade do Minho (local a partir de onde foi realizada a pesquisa bibliográfica).

Depois de recolhidas e analisadas as referências bibliográficas, organizamos a informação necessária no programa *Excel*, de acordo com a seguinte categorização: título, ano, revista/livro/conferência, área científica, tema, subtema, objetivos, metodologia, constituição da amostra e principais conclusões.

Da análise realizada, podemos concluir que grande parte dos estudos que aborda a relação entre as crianças e as notícias, fá-lo numa perspetiva de vulnerabilidade ou passividade destas audiências, na medida em que há uma grande preocupação em determinar a influência e o impacto de determinado tipo de conteúdos (violência, catástrofes, desastres naturais) sobre os mais novos (Buijzen *et al.*, 2007; Galera & Pascual, 2005; Smith & Wilson, 2002).

Os resultados do estudo *Parental Mediation of Children's Emotional Responses to a Violent News Event* (Buijzen *et al.*, 2007) mostram que existe uma relação direta entre a exposição das crianças às notícias e as suas respostas emocionais, considerando os autores que uma mediação ativa bem sucedida pode reduzir os sentimentos de medo, preocupação, *stress* e ansiedade.

Uma outra investigação, da autoria de Galera & Pascual (2005), concluiu que as crianças experimentam sentimentos negativos perante imagens sangrentas, recordando-se das mesmas por um longo período de tempo. Segundo os autores, a exposição de crianças a notícias sobre raptos provoca reações de susto e preocupação relativamente à sua própria segurança. Por esse motivo, consideram que os pais deverão assumir a responsabilidade na mediação dos conteúdos, conversando com as crianças sobre aquilo que veem, discutindo e contextualizando as mensagens, ao invés de proibirem a sua visualização ou leitura.

Esta tendência nos estudos sobre crianças e notícias não é nova. Segundo McQuail (2003), um dos maiores especialistas no estudo da comunicação de massas, as investigações iniciais neste campo estavam sobretudo preocupadas com os efeitos dos media, especialmente sobre as crianças e jovens, tendo como foco o tipo de danos causados pela exposição aos conteúdos transmitidos.

Também Evelyne Bévort considera que ainda há muitos investigadores a trabalhar sob o prisma da teoria dos efeitos. A diretora-adjunta do *Centre de Liaison de l'enseignement et des Médias d'Information* (CLEMI) não concorda com a visão da criança vulnerável, embora admita que esta possa sê-lo, até uma determinada idade. Na sua opinião, é mais realístico trabalhar a relação das crianças com os media noticiosos, partindo dos interesses e das necessidades dos primeiros.

Na opinião de Gerison Landsdown (2001), do *Unicef Innocenti Research Centre*, apesar da legitimação das crianças como autoras das suas próprias vidas, atualmente, existe, ainda, em alguns países, um exercício de poder excessivo dos adultos para com elas. Segundo a autora, permitir que as crianças participem nos assuntos que lhes dizem diretamente respeito – e isto inclui falarem sobre as suas experiências mediáticas – pode, na opinião de muitos, colocá-las em situação de risco.

Manuel Pinto (2000), professor da Universidade do Minho, refere que, no que toca à relação entre as crianças e a televisão, os estudos que se preocupam em estudar o que a TV faz às crianças são mais numerosos do que os que se propuseram analisar o que as crianças fazem com a TV, devendo esta questão ser analisada a partir de dois ângulos. Para o especialista em educação para os media, é necessário que as investigações sobre audiências integrem as variáveis contextuais nos seus estudos, não isolando a prática de receção à mera relação entre emissor e receptor, mas pensando esta análise perspectivada num quadro alargado de práticas sociais quotidianas (Pinto, 2000).

Uma segunda abordagem no estudo das audiências toma-as como “um conjunto mais ou menos motivado de consumidores dos media, encarregues da sua própria experiência mediática, mais do que como vítimas passivas” (McQuail, 2003: 371). A este respeito, apesar de a tendência das investigações analisadas apontar para a abordagem centrada nos efeitos dos conteúdos, fazemos referência a dois estudos que partem da *voz* das crianças e jovens,

perspetivando-os como audiências ativas e participativas. Estas pesquisas (como outras) inserem-se, assim, numa abordagem comportamentalista, na medida em que se considera que as crianças e jovens conseguem decidir se gostam ou não de determinados conteúdos (Silva, 2008).

Da autoria de Smith & Wilson (2002), o estudo *Children's Comprehension of and Fear Reactions to Television News*, pretendeu avaliar as reações e a compreensão das crianças face às notícias televisivas. De acordo com os resultados obtidos, verifica-se que, no processamento das notícias, as respostas das crianças diferem conforme a idade, devido às competências necessárias para avaliar os conteúdos. Depois de ouvir as crianças, com idades compreendidas entre os 7 e os 13 anos, que fizeram parte da sua amostra, os autores concluíram que há interesse pelas notícias, estando estas integradas no quotidiano destas audiências. Porém, segundo Smith & Wilson (2002), é necessário considerar e articular as competências dos indivíduos, com o tipo de avaliação e compreensão que fazem dos conteúdos. Os autores falam em:

- Capacidade para decifrar verbalmente a informação: como as crianças mais pequenas não dominam a linguagem, terão maior dificuldade em entender as terminologias usadas nas notícias. Por sua vez, as crianças mais velhas entendem melhor não só o conteúdo, como a relevância social das notícias. Isto leva a que discutam com as famílias sobre as mesmas, considerando os autores que o consumo das notícias conduz à vontade e necessidade de falar sobre as mensagens.
- Habilidade para distinguir fantasia de realidade: este facto faz com que as crianças mais velhas se sintam mais aborrecidas ou preocupadas perante certas mensagens, sobretudo no que toca a notícias sobre a vida real. Isto acontece devido à consciência de que os conteúdos veiculados correspondem à realidade.
- Processamento perceptual e processamento conceitual: o primeiro é característico das crianças mais novas, correspondente a um tipo de percepção em relação à forma (sentem-se atraídas pela cor ou pelo movimento). As crianças mais velhas fazem um processamento conceitual, associando os conteúdos a conceitos. Este processamento pode servir como explicação para a maior atração das crianças mais pequenas para notícias com a presença de elementos visuais (desastres, incêndios).

Enquanto há um maior entendimento das notícias por parte das crianças mais velhas, visto que existe também um maior domínio dos conceitos, não necessitando de imagens para perceber ou sentirem-se atraídas pelas notícias.

Apesar de existir preocupação em *dar voz* às crianças, considerando-as o sujeito central da investigação, o estudo poderia ser alargado para outro tipo de conteúdos noticiosos, já que se centra sobretudo naqueles que poderão causar medo nas crianças.

Da autoria de David Buckingham (2000), o livro *The Making of Citizens* dá conta dos resultados de uma investigação que teve como objetivos compreender qual o envolvimento dos jovens com as notícias, assim como aferir as perceções que estes criam em torno de si mesmos, enquanto cidadãos. O autor parte do pressuposto de que os meios de comunicação detêm um papel fundamental na sociedade, enquanto veículos de informação de que os cidadãos dependem, constituindo-se como uma passagem para a esfera pública e o debate político.

Os resultados deste estudo mostram que há um declínio no relacionamento das novas gerações com as notícias, marcado por um aparente desinteresse e alienação, principalmente quando estas retratam questões políticas. Para Buckingham (2000), os jovens assistem às notícias, mas isso não significa que gostem de o fazer, tratando-se de uma forma de ocuparem os tempos livres, ou como resultado da insistência dos pais. Globalmente, as notícias são consideradas repetitivas e desinteressantes, embora para alguns destes jovens, assistir às mesmas seja sinal de maturidade e prova do desejo de sabedoria. Esta posição mostrou-se mais visível nos alunos mais velhos, contudo, nem sempre de forma explícita. E enquanto os rapazes demonstravam maior interesse pelos assuntos sobre política, as raparigas preocupavam-se sobretudo com os temas ambientais e climáticos.

Segundo Buckingham (2000), as notícias são conotadas como algo que possui credibilidade, continuando os jovens a confiar nas mesmas para obter informação sobre o mundo. Embora o autor considere, no caso das notícias televisivas, que estas criam a ilusão de se estar informado, reconhece que conduzem a um sentimento de pertença e de estabilidade, podendo não se constituir como garantia de uma cidadania ativa, mas antes como um substituto da mesma

Na conclusão a que chega, Buckingham (2000) diz que a ideia comum de que as crianças são cínicas e apáticas face às notícias, pode ser um sintoma demonstrativo da necessidade de existir mais inovação nos conteúdos, de forma a captar o interesse dos mais novos. No que concerne à televisão e aos conteúdos que produz, o autor considera que é importante olhar para o modo como os produtores posicionam os seus públicos, havendo necessidade, no que aos mais novos diz respeito, de os tomar como cidadãos e potenciais participantes da esfera pública. Deve, assim, na sua opinião, ser dada mais atenção ao modo como as notícias são compreendidas, tendo em conta os interesses, as experiências e as capacidades cognitivas dos jovens.

### *2.1 O cenário português*

Em Portugal, a produção científica sobre o envolvimento entre as crianças e os media conheceu um forte incentivo a partir de finais dos anos 80 (Pinto & Pereira, 1999) embora,

ainda hoje, continue a ser necessário produzir trabalhos mais consistentes, que não se cinjam à preocupação com os efeitos dos meios e dos seus conteúdos (sobretudo aqueles transmitidos através da televisão), mas que perspetivem este envolvimento, tendo em conta os interesses e as motivações das crianças (Pinto & Pereira, 1999).

No entanto, chamamos a atenção para os trabalhos desenvolvidos por Manuel Pinto, destacando a realização da sua tese de doutoramento sobre as crianças e a televisão; por Sara Pereira, autora de vários estudos sobre a programação para a infância, o lugar da televisão na família e a relação das crianças com a televisão; e por Cristina Ponte, cujas linhas de investigação se centram nas crianças e media, nas novas tecnologias e usos sociais e em estudos de jornalismo.

Publicado, em 1999, na obra *Saberes sobre as Crianças: Para uma Bibliografia sobre a Infância e as Crianças em Portugal (1974-1998)*, o texto *As Crianças e os Media: Discursos, Percursos e Silêncios*, teve como principal objetivo fazer uma revisão dos materiais disponíveis sobre crianças e media. Na sua análise, Pinto & Pereira (1999) destacam, entre outros aspetos, a ausência de trabalhos empíricos desenvolvidos em Portugal, com crianças portuguesas, referindo que a discussão dos resultados, nestas investigações, baseou-se com frequência em pressupostos enunciados em estudos publicados noutros países, sobretudo nos Estados Unidos da América. Nesse sentido, os autores chamam a atenção para a diferenciação nos contextos sócio-culturais de receção que podem, assim, dar origem a conclusões distintas. Para além disso, os autores concluíram que a televisão continua a ter um importante peso nestes estudos, em detrimento de outros meios, como o jornal ou a rádio. Ao mesmo tempo, denotam o domínio de uma orientação *mediocêntrica*, devido à especial preocupação com os media e as suas políticas de programação, os conteúdos, as formas, etc.

Estando ciente da necessidade de se desenvolverem estudos que perspetivassem o papel ativo e a apropriação dos media, pelas crianças, Manuel Pinto desenvolve a sua investigação de doutoramento em Ciências da Comunicação, em 1995, que viria a ser publicada em livro, cinco anos mais tarde, sob o título *A Televisão no Quotidiano das Crianças*. Este trabalho, assente nas formas e modalidades de consumo televisivo e nos processos de atribuição de sentidos, envolveu cerca de 780 crianças pertencentes ao distrito de Braga, com idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos, provenientes de diferentes meios geográficos e socioeconómicos. O objetivo do autor foi analisar os processos de apropriação e de significação da televisão em diferentes contextos de receção. Através dos resultados obtidos, Pinto (2000) concluiu que existem grandes diferenças nas situações do quotidiano infantil, não só em termos de experiências, como também ao nível dos significados atribuídos às mesmas. O autor refere, igualmente, que o elevado tempo que as crianças permanecem em frente ao ecrã, é revelador da falta ou inacessibilidade de alternativas atrativas, para estes públicos.



Apesar do interesse crescente pelo estudo do envolvimento entre crianças e media, no que diz respeito, mais especificamente, à relação entre as crianças e a atualidade, destacamos a escassez de trabalhos científicos produzidos sobre este domínio. Encontramos, porém, estudos pontuais sobre a relação das crianças com as notícias, como é o caso do projeto de investigação *Crianças e Jovens em Notícia*, coordenado por Cristina Ponte, professora e investigadora da Universidade Nova de Lisboa. Desenvolvida entre 2005 e 2007, esta investigação centrou-se na análise da cobertura jornalística de notícias a envolver crianças e jovens, de modo a identificar tendências e enquadramentos, contribuir para o aumento da atenção sobre *vozes* habitualmente ignoradas, e despertar os jornalistas para a importância do conhecimento das temáticas da infância. Para além disso, um dos objetivos da investigação foi analisar o modo como as crianças dos 6 aos 10 anos, e dos 13 aos 17 anos, inseridas em diferentes meios familiares, apreciam as notícias e outros conteúdos mediáticos, nos quais são envolvidas. Os resultados relativos a este último ponto, demonstram que a variável sexo não é muito relevante, quando se trata da utilização dos tradicionais e novos media, sendo que as principais diferenças radicam no estatuto socioeconómico e cultural das famílias, e no nível académico das mães. Para além disso, o estudo concluiu que, embora se recordem sobretudo de notícias de risco social - levando os investigadores a concluir que o seu visionamento “deixa marcas” - as crianças não são acompanhadas nem conversam sobre estes, e outros, conteúdos.

Realizado no âmbito deste projeto, damos ainda conta do estudo exploratório *“Uma escola foi visitar um hospital...” “O Lugar das Notícias na Vida das Crianças*, da autoria de Malho, Pato & Tomé (2007). A investigação teve por base um estudo quantitativo junto de 246 crianças do 4º ano do 1º ciclo do ensino básico, provenientes de diferentes meios sociais e geográficos (Lisboa e Castelo Branco). O principal objetivo foi perceber de que modo as crianças se relacionam com as notícias de imprensa e de televisão. Os autores partiram das próprias crianças, das suas perceções e compreensão na relação com os meios e com o discurso noticioso. Apesar de este estudo ser relativo aos usos dos media e conhecimento das notícias, houve sobretudo preocupação em focar as notícias em que as crianças são protagonistas.

Tendo como pano de fundo os direitos ratificados pelas Convenção sobre os Direitos da Criança, em especial o direito à informação<sup>3</sup>, Malho, Pato & Tomé (2007) consideram que, em Portugal, apesar de existir preocupação relativamente ao reconhecimento da criança como sujeito de direitos, na prática, ainda não há uma efetiva implementação dos mesmos, sobretudo no que toca à cobertura jornalística dirigida a estes públicos ou em matérias que lhes dizem diretamente respeito. De acordo com os resultados obtidos, 55,9% das crianças referiu ler habitualmente jornais. O jornal *A Bola* foi sobretudo referenciado por rapazes, enquanto que as meninas escolheram principalmente o *Correio da Manhã*. Embora menos

---

<sup>3</sup> Cf. Artigos nº13 e nº17 da Convenção sobre os Direitos da Criança.

crianças tenham respondido à questão sobre como liam as notícias dos jornais, a maioria declarou fazê-lo sem companhia, para além de não conversarem com ninguém acerca do que leram. Nestas duas questões, as meninas declararam que leem mais notícias, conversando sobre as mesmas com pais, irmãos ou outros familiares, destacando-se esta diferença no que toca ao género.

Segundo Malho, Pato & Tomé (2007), a televisão continua a estar muito presente no quotidiano das crianças, liderando os canais SIC, TVI e Panda as suas preferências. No que toca à informação noticiosa, a maioria das crianças mostrou-se interessada pelas notícias. Nos motivos para gostarem, aquelas declaram: “porque falam sobre as crianças” e “porque dizem coisas interessantes”. Por outro lado, as que não gostam consideram que as notícias são aborrecidas, ou tristes. 16% das crianças gosta de ver telejornais porque o faz em família e apenas 4 crianças são proibidas pelos pais, de assistirem aos mesmos. Contrariamente aos resultados verificados no caso dos jornais, a maioria prefere falar sobre as notícias com os pais e os irmãos. Apesar de, no geral, não existirem diferenças substanciais no que toca ao género, as raparigas conversam mais sobre o que veem e leem e as suas respostas são mais diversificadas, comparativamente aos rapazes.

### **3. Pertinência do estudo e opção metodológica**

De acordo com a revisão de literatura, podemos concluir que, no que toca à relação entre as crianças e as notícias, não existe ainda pesquisa consolidada que perspetive este envolvimento tendo em conta o ponto de vista daqueles destinatários, já que a maioria dos trabalhos publicados teve como preocupação compreender os danos causados pela exposição aos conteúdos noticiosos (sobre crime, violência, desastres naturais).

A nosso ver, é necessário que outras linhas de investigação se alarguem para teorias que tenham em conta os interesses das crianças, partindo das suas *vôzes*, de modo a privilegiar a visão destes públicos. Consideramos que é necessário que os investigadores criem oportunidades para uma participação crítica e reflexiva sobre os media. As crianças devem, assim, informar-se e falar sobre as suas experiências mediáticas. Privilegiar este direito, dando-lhes espaço para discutirem os conteúdos, mais do que reconhecer as suas perceções, interesses e o estatuto social como cidadãos, é tornar real a oportunidade de fazerem parte da esfera pública e do debate político. E numa altura em que nos vemos confrontados com tempos problemáticos e controversos, havendo um maior acesso e domínio sobre a informação, assim como uma necessidade de desenvolvimento de novas competências informacionais e comunicacionais, parece-nos que o despertar para estas questões encontra, agora, a altura ideal para confluir num trabalho a este nível.

Metodologicamente, utilizaremos técnicas de âmbito quantitativo e qualitativo, junto de crianças dos 9 aos 10 anos de idade<sup>4</sup>, correspondente aos alunos que se encontram a frequentar o 4º ano de escolaridade. Deste modo, a recolha dos dados será feita em escolas do 1º ciclo, do ensino básico.

Numa primeira fase, iremos aplicar um inquérito por questionário às crianças do 4º ano a frequentar as escolas do concelho de Paredes, distrito do Porto. Neste concelho há cerca de 32 escolas, pelo que se estima que o inquérito seja aplicado aos cerca de 600 alunos que integram aquele ano de escolaridade. Trata-se de uma amostra por conveniência, já que tivemos em conta a possível facilidade de relacionamento com as instituições de ensino e a proximidade geográfica a que nos encontramos.

Segundo Quivy & Campenhoudt (1992: 191), a aplicação de inquéritos por questionário é uma técnica quantitativa adequada para o “conhecimento de uma população enquanto tal: as suas condições e modos de vida, os seus comportamentos, os seus valores e as suas opiniões”. Desse modo, consideramos que será pertinente a sua utilização, sobretudo num primeiro momento do nosso estudo, com o objetivo de obtermos dados relativos aos hábitos de utilização mediática das crianças, às suas atividades quotidianas e às suas preferências relativamente a determinados conteúdos.

Numa segunda etapa, adotaremos uma técnica de índole qualitativa, nomeadamente os grupos de discussão. A realização destes grupos envolverá cerca de 50 alunos que serão selecionados a partir da amostra usada no inquérito por questionário. Deste modo, procuramos obter dados que o inquérito por questionário não permite, complementando e aprofundando a análise.

Os grupos de discussão constituem-se como uma forma privilegiada de *dar voz* às crianças e de fomentar o debate em torno da temática pretendida, permitindo a participação de todas elas. Neste caso, será pertinente escolher alguns acontecimentos da atualidade como objeto de discussão, incentivando o debate e o confronto de opiniões. Esta técnica permitir-nos-á obter dados diversos, ajudando a perceber qual o modo de compreensão das crianças relativamente a determinados assuntos e qual a sua conceção sobre o mundo.

Finalmente, concordamos que, sobretudo nas pesquisas sobre representações das crianças acerca do mundo que as rodeia, é necessário considerar a participação das crianças nos estudos, pois só assim é possível penetrar nos seus mundos e conhecer verdadeiramente as

---

<sup>4</sup> A escolha destas idades justifica-se pelas seguintes razões: A revisão de literatura mostra-nos que, no que toca à relação entre as crianças e os media, são poucos os estudos que trabalharam com crianças a frequentar a escola primária. A maioria tem-se detido sobre a idade pré-escolar ou a fase da adolescência. mNestas idades, as crianças são capazes de (Smith & Wilson, 2002): a) Compreender os conteúdos noticiosos e a relevância social das notícias; b) Discutir as notícias com os demais; c) Distinguir fantasia de realidade, o que faz com que entendam que a informação noticiosa corresponde à realidade.

ideias e perspectivas, na sua complexa singularidade (Filho, 2010) tornando-as parceiras do processo investigativo (Janzen, 2008). Como diz Costa (2001:S/P), os investigadores “desafiam a pesquisar não mais *sobre*, mas *com* crianças”.

## Financiamento

Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do QREN-POPH (Tipologia 4.1 – Formação Avançada), participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do MEC. Referência da bolsa: SFRH / BD / 80918 / 2011.

## Referências

- Buckingham, D. (2000) *The Making of Citizens: Young People, News and Politics*, London: Routledge.
- Buijzen, M., Molen, J. & Sondji, P. (2007) ‘ Parental Mediation of Children's Emotional Responses to a Violent News Event ’, *Communication Research*, 34(2): 212-230.
- Convenção sobre os Direitos da Criança, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 20 de Novembro de 1989 e ratificada por Portugal em 21 de Setembro de 1990.
- Costa, E.A. (2011) ‘ Conversas sobre Infância, Alteridade e Poder no Âmbito das Pesquisas com Crianças ’ [On line], *XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais: Diversidades e (Des)Igualdades*, Salvador: Universidade Federal da Bahia. [[http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307742091\\_ARQUIVO\\_ApresentacaoXIconlabEricaAtem.pdf](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307742091_ARQUIVO_ApresentacaoXIconlabEricaAtem.pdf), acessado em 15/06/2012].
- Endestad, T., Heim, J, Kaare, B., Torgersen, L.& Brandtzæg, P. (2011) ‘ Media User Types Among Young Children and Social Displacement ’, *Nordicom Review*, 32(11): 17-30.
- Filho, A. M. (2010) ‘ Olhares Investigativos sobre as Crianças: O Brincar e a Produção das Culturas Infantis ’ [On line], *Momento: Diálogos em Educação*, 19 (1):89-104. [<http://repositorio.furg.br:8080/jspui/bitstream/1/618/1/OLHARES%20INVESTIGATIVOS%20S OBRE%20AS%20CRIAN%C3%87AS.pdf>, acessado em 15/06/2012].
- Fuenzalida, V. (2008) ‘ Cambios en la Relación de los Niños con la Television ’, *Comunicar*, 15(30): 49-54.
- Galera, G. & Pascual, M. (2005) ‘ La Television como Agente Socializador ente el 11-M: Percepciones y Reacciones de la Infancia Frente a los Atentados Terroristas ’, *Zer, Revista de Estudios de Comunicación*, 10 (19): 173-189.
- Hernández, J. (2008) ‘ Información en TV, Los Jóvenes también Contamos ’, *Comunicar*, 16 (31): 367-369.
- Janzen, M. D. (2008) ‘ Where is the (Postmodern) Child in Early Childhood Education Research? ’ [On line], *Early Years: An International Journal of Research and Development*, 28(3): 287-298. [<http://dx.doi.org/10.1080/09575140802393827>, acessado em 22/06/2012].
- Kotilainen, S. (ed.) (2011) *Children`s Media Barometer 2010: The Use of Media Among 0-8-year-olds in Finland*, Helsinki: Finnish Society on Media Education.

- Lansdown, G. (2001) *Promoting Children`s Participation in Democratic Decision- Making*, Florence: UNICEF - INNOCENTI RESEARCH CENTRE.
- Livingstone, S. (2006) 'Drawing Conclusions from New Media Research: Reflections and Puzzles Regarding Children`s Experience of the Internet' *The Information Society*, 22 (4): 219-230.
- Löfdahl, A. & Häggglund, S. (2006) 'Power and Participation: Social Representations Among Children in Pre-School' [On line], *Social Psychology of Education*, 9(2): 179-194.  
[<http://www.springerlink.com/content/j34577576642m1r0/>, acessado em 22/06/2012].
- Malho, M. J., Pato, I., Tomé, V. (2009) 'Vozes de Crianças: Estudo Exploratório' in Ponte, C.(ed.) *Crianças e Jovens em Notícia*, Lisboa: Livros Horizonte, pp.165-176.
- Marôpo, L. (2009) *A Mediação na Construção de uma Identidade de Direitos da Infância: Representações Jornalísticas de Crianças e Adolescentes em Portugal e no Brasil*, Tese (doutoramento) Ciências da Comunicação, Lisboa: FCSH, Universidade Nova de Lisboa.
- McQuail, D. (2003) *Teoria da Comunicação de Massas*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pinto, M. (2000) *A Televisão no Quotidiano das Crianças*, Porto: Edições Afrontamento.
- Pinto, M. & Pereira, S. (1999) 'As Crianças e os Media: Discursos, Percursos e Silêncios in Pinto, M. & Sarmiento, M. (coords.) *Saberes sobre as Crianças: Para uma Bibliografia sobre a Infância e as Crianças em Portugal (1974-1998)*, Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, pp.109-124.
- Ponte, C. (ed.) (2009) *Crianças e Jovens em Notícia*, Lisboa: Livros Horizonte.
- Quivy, R. & Campenhoudt, V. (eds.) (1992) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva.
- Samagaio, F. (2004) 'Os (Novos) Problemas Sociais da Infância: Uma Aproximação Sociológica', *Actas dos Ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção*, 12 a 15 de Maio, Braga: Universidade do Minho.
- Samaniego, C., Palacios, S. & Barandiaran, A. (2007) 'Los Hábitos y Preferencias Televisivas en Jóvenes y Adolescentes: Un Estudio Realizado en el País Vasco' [On line], *Revista Latina de Comunicación Social*, (62). [[http://www.ull.es/publicaciones/latina/200702Medrano\\_S\\_yotros.htm](http://www.ull.es/publicaciones/latina/200702Medrano_S_yotros.htm), acessado em 19/06/2012].
- Shade, L., Porter, N. & Sanchez, W. (2005) '"You can see anything on the internet, you can do anything on the internet!": Young Canadians Talk about the Internet', *Canadian Journal of Communication*, 30 (4): 503-526.
- Silva, M. (2008) 'Criança, Escola e TV: Parcerias na Leitura do Mundo', *Comunicar*, 16(31): 325-330.
- Silverblatt, A. (2004) 'Media as Social Institution', *American Behavioral Scientist*, 48 (1): 35-41.
- Smith, S. & Wilson, B. (2002) 'Children's Comprehension of and Fear Reactions to Television News', *Media Psychology*, 4 (1): 1-26.
- Theunissen, P & Theunissen (2008) 'New Zealand-Based Students' Perceptions and Use of the Internet as a Communication Tool and Source of Information', *Communication Journal of New Zealand*, 10(1): 28-45.
- Tomé, V. & Menezes, I. (org.) (2011) *Educação e Media: Da Teoria ao Terreno*, Castelo Branco: RVJ Editores.